

CHOMSKY EM TEMPOS DE CÓLERA¹

Ruth Elisabeth Lopes Moino
UFSC

Na minha opinião, uma disciplina é definida em função de seu objeto e de seus resultados, (Chomsky, 1977 p. 63).

I – INTRODUÇÃO

O texto que lerão a seguir não se pretende original, nem tampouco apresentará grandes novidades para aqueles que trabalham no modelo chomskyano; antes, será uma retrospectiva – um "passeio" pelos principais trabalhos de Chomsky, ou melhor, daqueles de que tenho notícia.

A peculiaridade desse "passeio" será a tentativa de alinhar cada passo de Chomsky entre um texto e outro na construção do modelo, já que, como veremos, ele não parece dar ponto sem nó. Serão os *nós* o meu maior foco de atenção. Da mesma forma que, até o limite do possível, desejarei ficar distante das contendas de teor mais epistemológico. Sem dúvida que no debate da ruptura com o modelo de análise vigente pré-chomskyano essa discussão terá que ser alçada; contudo, sua vida será breve, pois que se limitará a destacar os pontos de acirramento entre os modelos. Os débitos e créditos de Chomsky para com este lingüista ou aquele filósofo me obrigariam a entrar em terrenos de areia movediça. Ficam, dessa forma, a cargo de pessoas mais capacitadas na área.

Também pouparei o leitor de pormenores da história externa da Teoria Gerativa; coisas como ascensão e queda do Estruturalismo americano, vida acadêmica de Chomsky antes de se tornar notório e que tais. Para esses detalhes o leitor deve recorrer a Newmeyer (1986) ou a Botha (1989). Esse último lhe proporcionará um digladiar *italico* – o jogo de Gerativa: "*Mobility of mind and agility in action – that's what The Game is all about. (...) 'So what are the rules of The Game?', I hear you ask. What, indeed, are the rules? For survival there is just this one: 'Anything goes'.*" (Botha, 1989: xvii), apenas para lhe dar um gostinho do tom.

¹ Devo destacar que o título não reflete o conteúdo do trabalho, mas sim um aparente estado de espírito terceiro-mundista. Fosse escrito em outros sítios talvez devesse ser chamado de Chomsky e a Fogueira das Valdades.

Por uma questão organizacional, apropriar-me-ei de uma divisão feita por Ronat (1977) da obra chomskyana. Para aquele autor, podem-se delinear três períodos:

1º de 1955 (com *The Logical Structure of Linguistic Theory*)² (doravante, *LSLT*) até antes da publicação de *Aspects of the Theory of Syntax*;³

2º de 1965 (com *Aspects*) até 1970;

3º de 1970 (com *Remarks on Nominalization*) ao final da década.

Por razões temporais, Ronat pára por aí. Acrescentaremos, porém, mais uma fase: aquela inaugurada pela publicação das Conferências de Pisa, conhecidas como *Lectures on Government and Binding*, em 1981. Essa quarta fase deveria se estender até "nossos dias" não fosse a chegada apressada de um novo artigo (Chomsky, 1992), sendo ainda cedo demais para que se julgue se uma nova era se inicia no programa ou não.

Retornando, então, à divisão: o primeiro período marca a preocupação de fazer da Linguística uma ciência, nos moldes das ciências exatas, mais precisamente da Física. O segundo, a questão semântica, em que se coloca se o sentido das orações deve ser ou não ser explicitado e como. O terceiro é, na realidade, uma preparação do caminho para o último período. Na década de 70, Chomsky publica vários artigos reformulando uma série de questões problemáticas em *Aspects* e o conjunto de seus resultados é que vai desembocar nas Conferências de Pisa. Finalmente, o quarto período volta-se mais para a questão da Gramática Universal através da aquisição da linguagem.

Seguiremos essa cronologia.

2 – LENDO NAS ENTRELINHAS

Todos quando introduzidos na Teoria Gerativa por nossos mestres aprendemos que Chomsky foi o causador de uma revolução na Linguística. Talvez por uma particularidade interpretativa minha, sempre me debati com essa aplicação da palavra. Aprendi mais tarde a interpretá-la no sentido kuhniano do termo, contudo referir-me-ei à passagem do Estruturalismo (no caso, Americano) à Teoria Chomskyana como uma ruptura. (Abro um parêntese para remeter o leitor a Borges Neto (1991), onde encontrará toda uma discussão em torno da inadequação do termo também no sentido kuhniano.)

² Esse livro, que contém grande parte da tese de Chomsky, só veio a ser publicado em 1975. Em prefácio o autor diz não achar mais relevante a sua publicação, mas o faz a pedido de muitos linguistas. Ressalta também que o material publicado não sofrerá nenhuma modificação em relação ao originalmente escrito em 1955. Lembre-se, entretanto, que o fato de não haver sido publicado não quer dizer que não haja circulado.

³ Citarei as obras quando de sua publicação original, uma vez que houve um relativo espaço de tempo até a tradução ou discussão de muitas delas entre nós.

Não quero criar no leitor uma falsa expectativa, pois não pretendo justificar filosoficamente a escolha do termo. Também não gostaria que fosse encarado como um jogo de palavras. É indiscutível o fato de Chomsky ter rompido com os princípios empíricos do estruturalismo, definindo um novo 'Modelo' do pensar linguístico, ou, no mínimo, revisitando a história do pensamento racionalista. Conseqüentemente, os métodos devem refleti-lo e Chomsky tem buscado incessantemente a formulação de um arsenal de análise que seja explicativo a partir de seu *rational*, ao mesmo tempo em que se volta para ele na colocação de novas questões que esse formalismo mesmo permite reformular. Espero que esse ponto se esclareça no caminhar do texto.

Vamos às vias de fato.

Para os menos avisados que busquem logo nas primeiras publicações (*LSLT*, *Syntactic Structures e Current Issues in Linguistic Theory*) palavras como **inatismo**, **competência/desempenho**, **estrutura superficial/profunda**, **criatividade linguística**, ou mesmo **gramática universal**, não as encontrarão. Muito embora seus conceitos estejam lá. O que se aprende desde cedo na área é que Chomsky deve ser lido cuidadosamente, em especial suas notas de rodapé!

Das obras do primeiro período, tratarei especificamente de *Syntactic Structures* (doravante, *SS*). Neste livro, ao lado da apresentação do formalismo com que irá trabalhar, Chomsky apresenta um capítulo central "On the goals of Linguistic Theory" (Sobre os objetivos da Teoria Linguística) em que capitaliza a possibilidade prática de uma teoria linguística NÃO-empírica – delineando assim a ruptura com os princípios e decorrentes métodos do Estruturalismo americano, ao mesmo passo em que instaura um novo paradigma (ou o ressuscita do século XVII). Gramática passa a equivaler à teoria da língua(gem), uma teoria sujeita a restrições e avaliação interna como qualquer teoria científica em busca de seu poder explanatório, indo para além da mera descrição dos fatos. Impõe também a "condição de generalização", que estabelece "... que a gramática de uma dada língua seja construída de acordo com uma teoria específica de estrutura linguística em que termos como "fonema" ou "sintagma" sejam definidos independentemente de qualquer língua particular (Chomsky, 1957 p. 50)." (minha tradução)

Como disse anteriormente, embora a palavra não seja utilizada, percebe-se que "condição de generalização" possa ser substituída pelo termo "universal", abertamente empregado a partir de 1962.

More generally, linguists must be concerned with the problem of determining the fundamental underlying properties of successful grammars. The ultimate outcome of these investigations should be a theory of linguistic structure in which the descriptive devices utilized in particular grammars are presented and studied

abstractly, with no specific reference to particular languages. (Chomsky, 1957 p. 11)

Dada a definição de língua como um conjunto infinito de orações construídas a partir de um conjunto finito de elementos, o principal objetivo da análise lingüística é o de separar as seqüências **gramaticais** das **agramaticais**, utilizando-se como critério de avaliação julgamentos de gramaticalidade, ou seja, a intuição de um falante nativo.⁴

Destaca ainda,

In this respect, a grammar mirrors the behavior of the speaker who, on the basis of a finite and accidental experience with language, can produce or understand an indefinite number of new sentences. Indeed, any explication of the notion "grammatical in L" (...) can be thought of as offering an explanation for this fundamental aspect of linguistic behavior. (Chomsky, 1957 p. 15)

Estão aí colocadas as questões da competência e da criatividade lingüística. Retorno a elas posteriormente.

Chomsky prossegue daí para mostrar também que a noção de gramaticalidade não pode ser identificada com significado (o último termo tomado em qualquer sentido semântico). Esse argumento é central não apenas em SS, mas em toda a sua obra – o componente sintático é autônomo e independente de significado. Notem, porém, **autônomo** e não **central** como muitos têm cobrado. (cf., por exemplo, Borges (1991). Para esse autor, a 'sintaxe autônoma' é tomada como anterior à semântica, o que implica dizer que só se chegará a esta quando houver pleno entendimento da primeira.)

Vem daí a célebre oração:

- (1) Colorless green ideas sleep furiously.
(Idéias verdes incolores dormem furiosamente)

em que Chomsky mostra que, apesar de completamente sem sentido, qualquer falante nativo de Inglês a reconhecera como gramatical. O que estaria em jogo não é a gramaticalidade da oração, mas sim a sua aceitabilidade – um critério muito mais ligado ao *desempenho*.

Sua argumentação no capítulo final de SS "Sintaxe e Semântica" corrobora esse ponto, sendo bastante complexa e aparentemente falaciosa; no entanto, central para os desdobramentos da 2ª etapa do modelo (segundo a cronologia estabelecida na Introdução).

⁴ Retomo aqui a questão da revolução, tocada de leve no início da seção 2. O que realmente se coloca é que muito do paradigma chomskyano não surgiu do nada. Talvez a grande ruptura tenha sido o acirramento da dicotomia Saussureana, elevando Chomsky a noção de *langue* à enésima potência. Abro aqui estes parênteses, pois Saussure já falava em "consciência do sujeito falante". A diferença aparentemente sutil entre isto e o julgamento de gramaticalidade pode ser configurada em graus de abstração (ou de in-consciência).

A questão que se coloca é "Como se pode construir uma gramática sem se recorrer ao significado?" (Chomsky, 1957 p. 93). Chomsky ressalta alguns pontos interessante:

There is no aspect of linguistic study more subject to confusion and more in need of clear and careful formulation than that which deals with the points of connection between syntax and semantics. The real question that should be asked is: "How are the syntactic devices available in a given language put to work in the actual use of this language?"

.../ The question that should be raised is: "How can you construct a grammar?" (Chomsky, 1957 p. 93)

Vale a pena comentar essa citação. O que fica claro é que ele está jogando qualquer aspecto mais semântico para fora da gramática. Transferindo a questão, portanto, para o âmbito do que veio a definir em 1964 como **desempenho**, o uso real da linguagem em situações concretas, em oposição à **competência** – leia-se como tradução do termo gramática acima – (o conhecimento da linguagem, um sistema autônomo, puramente lingüístico, caracterizado pela gramática formal), sendo esta última apenas um dos muitos sistemas que contribuem para o desempenho.

Desta forma, Chomsky pode abandonar a questão pois que está fora de seu objeto de estudo, e reafirmar a autonomia da sintaxe livre de culpas ou arestas teóricas.

Para finalizar essa discussão em torno do assentamento da pedra fundamental, tocarei na questão da aquisição da linguagem. Encontramos pela primeira vez sua menção mais explícita em *Current Issues in Linguistic Theory* (1964). Reproduzo o esquema utilizado por ele e a citação que o segue (aliás, esquema bastante familiar para quem trabalha com versões mais recentes do modelo em que a questão da aquisição da linguagem se coloca como central – discussão para seções posteriores.):

primary linguistic data → B → generative grammar em que B = faculdade da linguagem.

We can think general linguistic theory as an attempt to specify the character of the device B. (Chomsky, 1964 p. 26).

Quebro aqui a cronologia estabelecida, passando a discutir brevemente alguns pontos do *Lingüística Cartesiana*, a fim de encerrar o primeiro período. Embora LC tenha sido publicado em 1966, portanto depois de *Aspects* (1965), é nesse livro que Chomsky discute mais claramente certas questões epistemológicas, reverenciando o pensamento racionalista – fonte de sua inspiração!

Além de retomar o trabalho de tais pensadores, Chomsky explora a relação linguagem/pensamento – a primeira como a "roupagem" do segundo, bem como a organização intelectual do ser humano do ponto de vista

do dualismo filosófico colocado pelos racionalistas: corpo/espírito. Traduzindo espírito (alma) por mente temos que este é o lugar da essência, do pensamento, responsável pelo aspecto criador da linguagem – inovadora e livre de estímulos externos. Como? A partir da tese inatista, voltando a Platão, caminhando até Descartes, Leibnitz (o homem foi criado como ser falante, apud Chomsky, 1966), a Humboldt (para quem a verdadeira definição de linguagem é a genética).

Dessa tese decorrem, conseqüentemente, as concepções quanto ao modo como a linguagem é adquirida e usada, a sua universalidade (presente apenas na espécie humana, porém, comum a todos da espécie). Ser "universal" significa estabelecer limites à diversidade da linguagem humana e a grande busca volta-se para uma gramática que capte princípios gerais da estrutura da linguagem, a partir de línguas particulares. Esses universais são absolutos (aplicáveis a todas as línguas) ou relativos (particulares a línguas específicas), podendo dicotomizar-se ainda em informais e substantivos.⁵

Chomsky trabalha ainda as noções de estrutura profunda e superficial como ressaltadas na gramática de Port-Royal (1660), ou seja, refletindo os aspectos interno e externo da linguagem.

Muito há que se falar desta obra; contudo, volto a insistir que prefiro me manter afastada das questões mais "filosóficas". Passo, assim, às questões formais.

2.1 – O formalismo em SS

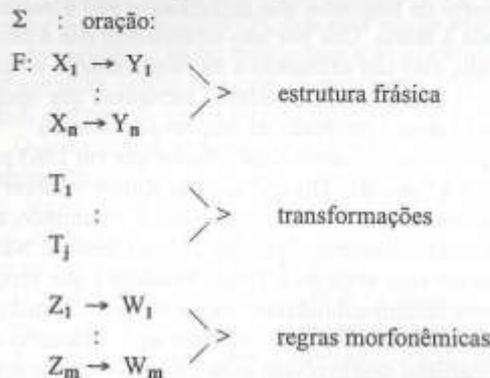
Gostaria de ressaltar que toda a questão formalista será discutida de forma bastante simplificada dadas as limitações impostas por um artigo.

Chomsky inicia sua discussão em direção ao modelo que irá propor descartando alguns formalismos como *gramática de estado finito* e mostrando a inadequação de regras de estrutura frásica (regras de reescritura $\langle X \rightarrow Y \rangle$ se X , então Y , uma instrução do tipo: reescreva X como Y) à medida que as orações vão se tornando mais complexas, ou quando apresentam disjunção (exemplo: auxiliar + -DO). Propõe que a maneira de se dar conta das línguas naturais deva passar por diferentes níveis de representação (ou níveis lingüísticos), garantindo, assim, a produção de orações cada vez mais complexas. Caminha para uma gramática que possui um arranjo tripartite: o nível das estruturas frásicas, ou seja, uma seqüência de regras do tipo $X \rightarrow Y$, uma seqüência de regras morfofonêmicas com as mesmas características e finalmente, ligando esses dois níveis, uma seqüência de regras transformacionais que captura uma relação intrínseca

⁵ Apenas para relembrar o leitor, isso nos remete a algo recentemente nomeado de Princípios e Parâmetros. Como se a busca ao Santo Graal já não fosse apenas ficção, mas uma cruzada que se aproxima cada dia mais da descoberta. Como apontou Galves (comunicação pessoal), isso mostra bem a coerência na busca!

entre orações, podendo rearranjar elementos, adicioná-los ou apagá-los a partir de uma seqüência inicial.⁶

Reproduzo, a seguir, o esquema de SS (p. 46):



Chomsky lança mão também da noção de *sentença canônica* (nuclear), grosso modo, orações declarativas afirmativas simples a partir das quais o modelo seria aplicado para garantir a produção de todas e somente as seqüências gramaticais das línguas.

Thus every sentence of the language will belong to the kernel or will be derived from the strings underlying one or more kernel sentences by a sequence of one or more transformations. (Chomsky 1957, p. 45)

O que faz esse modelo bem mais poderoso é justamente o componente transformacional associado ao conceito de sentença canônica, uma vez que as regras de estrutura frásica só terão que dar conta deste subconjunto de orações; todas as demais seqüências serão naturalmente derivadas.

Embora Chomsky ainda não toque abertamente na distinção entre estrutura superficial/estrutura profunda, pressupõe níveis de análise subjacentes, quando afirma que uma transformação mapeia uma seqüência de elementos terminais de um marcador sintagmático (vulgarmente, árvore) para outro.

Finalmente, a distinção entre transformações obrigatórias e opcionais já é colocada em SS, sendo as obrigatórias aplicáveis a sentenças canônicas e as opcionais às não-canônicas. O componente transformacional pressupõe, portanto, a aplicação de cada transformação obrigatória, além, talvez, de algumas opcionais.

⁶ Esse tipo de formalismo já vinha sendo utilizado por alguns estruturalistas bloomfieldianos, no entanto, como Chomsky aponta em *Diálogos* (1977) havia aí uma total incompatibilidade entre princípio (empírico) e método.

3 – A FASE "SEMÂNTICA"

A questão da autonomia da sintaxe, colocada em *SS*, provocou uma série de reações por parte de lingüistas que acreditavam que a semântica dovesse ser incorporada à teoria. Uns por não entenderem que Chomsky não a estava descartando, mas sim excluindo-a da **competência**, enquanto outros achavam possível desenvolver um arsenal semântico que operasse na gramática de forma a barrar a produção de orações sem sentido.

Nesse segundo grupo encontramos Katz e Fodor que em 1963 publicaram "The Structure of a Semantic Theory" em que tentam resolver a relação entre uma teoria semântica e a teoria da gramática, assumindo, ainda que implicitamente, o quadro epistemológico da Teoria Gerativa. Não entrarei em detalhes maiores com respeito à Teoria Semântica que propõem no que tange a possíveis incompatibilidades com o Modelo chomskyano, se intensional ou extensional. Tal discussão não cabe aqui. Discutirei antes seus objetivos e o formalismo desenvolvido para a efetiva incorporação de tal componente semântico na Teoria Gerativa.

Assim, Katz e Fodor se colocavam basicamente três objetivos para descrever e explicar a capacidade do falante: (a) determinar o número e o conteúdo das leituras possíveis de uma oração; (b) detectar anomalias semânticas; (c) tomar decisões acerca de relações de paráfrase entre orações.

Em termos formais, propuseram dois componentes inter-relacionados para dar conta de tal habilidade: um léxico, que conteria uma descrição semântica de cada item lexical em termos de traços (um "empréstimo" da fonologia; por exemplo um item poderia conter os traços -humano/+animado etc.) e uma série de regras de projeção que garantiriam a combinação entre os itens lexicais e a atribuição de significado à oração como um todo.

Mas a discussão não termina aqui. Em 1964, Katz e Postal publicam *An Integrated Theory of Linguistic Description*, com o intuito de demonstrar que as regras de projeção estejam presentes em uma estrutura sintática subjacente; dito de outra forma, que essas regras sejam aplicadas antes das transformações. Torcendo um pouco as palavras, temos que as transformações não afetam o significado. Essa hipótese ficou conhecida na literatura como a "Hipótese Katz-Postal".

Chomsky finalmente se rende e incorpora os resultados de tais trabalhos ao modelo em *Aspects* (1965), como veremos a seguir.

3.1 – O Modelo Padrão

Na apresentação a seguir, discutirei apenas as questões de teor mais formal, embora *Aspects* traga também os fatos mais epistemológicos presentes nas obras anteriores. Escrevo como se essa distinção pudesse ser tão claramente configurada...

Além da incorporação do componente semântico como anotado acima, Chomsky define pela primeira vez "estrutura profunda" – uma estrutura engendrada pelos componentes de base da gramática, que se transforma em estrutura superficial bem formada. Vale ressaltar, como o fez Chomsky em *Diálogos* (1977), que essa noção não deve ser confundida com a de gramática, muito menos com a de gramática universal. O conceito de estrutura profunda existe enquanto um nível de representação lingüístico abstrato, de forma alguma invariável ou inato.

O componente semântico surgiu intrinsecamente ligado a este nível de representação dito *significativo*, ou seja, a inserção lexical ocorre neste nível, que serve não apenas como entrada para o componente transformacional, como também às regras de projeção; as regras de restrição de seleção entre itens lexicais são formuladas aí.

O modelo fica então configurado na seguinte forma: a gramática de base comporta dois elementos – as regras de estrutura frásica e o léxico. Esta gramática de base gera o marcador sintagmático inicial (estrutura profunda). A este são aplicadas as transformações que vão mudando a estrutura inicial em outras até chegar à estrutura superficial. Há dois componentes interpretativos: o fonológico e o semântico. Este último ficou dividido entre o léxico, através da descrição dos traços semânticos de cada item, e as regras de projeção, que, operando na estrutura profunda, compatibilizam a compatibilidade das propriedades dos itens lexicais, indicando se a combinação entre eles numa dada oração é ou não aceitável.

As regras de estrutura frásica não sofreram modificações (são regras que indicam a estrutura das seqüências de palavras em orações canônicas), a não ser pelo fortalecimento da noção de recursividade, ou seja, a possibilidade de reaplicação de uma dada regra tantas vezes quantas necessárias. Lembrem-se, porém, que esse recurso já havia sido definido em *SS*.

O léxico passa, em *Aspects*, a comportar traços sintáticos, semânticos e fonológicos, a saber: traços de subcategorização estrita (número de argumentos em um verbo), traços categoriais (N, V, etc.), e traços de seleção (humano, animado, etc.).

Finalmente, resta comentar o componente transformacional. Como as transformações não se aplicam todas de uma só vez, mas linearmente uma após a outra, é natural que se preveja uma ordenação. Tomemos duas regras transformacionais, sendo logicamente possível aplicar as duas em qualquer ordem; no entanto, apenas uma dessas ordens resultará em uma estrutura final gramatical e aceitável. Por exemplo, a oração (2) passou basicamente por duas transformações: reflexivização e imperativa.

(2) Lave-se.

Para que a primeira transformação se dê, faz-se necessário haver dois SNs iguais:

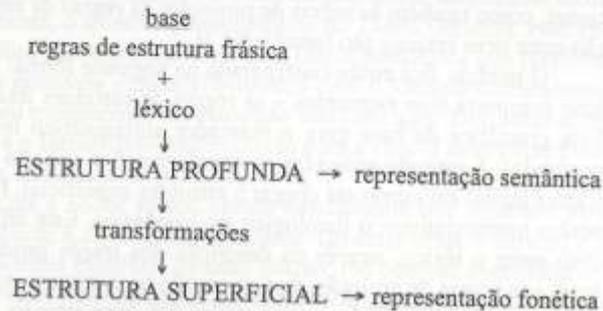
(3) Você lave você.

Se a transformação imperativa for aplicada antes, ela apagará o sujeito, não sendo possível a aplicação da reflexivização. Neste caso, aplica-se em primeiro lugar a de reflexivização, gerando (4):

(4) Você lave-se.

e então a imperativa, gerando (2) acima.⁷

Em um esquema simplificado teríamos:



3.2 – E a semântica ainda fez correr muita tinta!

Nos anos que se seguiram a *Aspects*, Chomsky assistiu à continuidade dos debates em torno da questão semântica, debates que levaram um grupo de lingüistas a se afastar de seu modelo e tentar criar, nos moldes do formalismo chomskyano, o que veio a ser conhecido como Semântica Gerativa. Nos anos 70 essa corrente conheceu a sua hegemonia.

A despeito de Chomsky ter sempre se mantido afastado da Semântica Gerativa, enfrentou durante esse período um certo desacreditar em torno de seu modelo por parte de muitos lingüistas. Por diversas razões: (1) ele tinha que lutar contra essa corrente, argumentando que tal trabalho não passava de uma catalogação exuberante dos fatos, um retorno ao estruturalismo, uma vez que os trabalhos desenvolvidos em seu âmbito não possuíam poder explicativo; antes, eram meras descrições; (2) toda a questão da "representatividade mental" do modelo chomskyano é mal entendida pela psicologia experimental que tenta, através de testes mirabolantes, comprová-la; (3) o seu próprio modelo havia se tornado "pesado" do ponto de vista formal – as transformações eram numerosas demais e como não dessem conta de algumas estruturas, essas eram submetidas a filtros e controles de toda a espécie. Além do mais, o próprio Chomsky começa a

⁷ Peço perdão pela discussão um tanto grosseira do processo, mas o intuito era apenas ilustrá-lo.

questionar a aplicação do componente semântico apenas no nível das estruturas profundas com orações do tipo *Everyone in the room knows at least two languages* e *At least two languages are known by everyone in the room*. Ele percebe que há uma diferença de significado entre essas duas orações, embora isso só venha à tona na estrutura superficial, portanto, após a aplicação da transformação de apassivação.

Mas Chomsky não deixa a bola cair, como veremos a seguir.

4 – DANDO A VOLTA POR CIMA – CAMINHOS EM UMA NOVA DIREÇÃO

A partir de 1970, com a veiculação do artigo "Remarks on Nominalization", Chomsky instaura um percurso que desembocará no Modelo Padrão Estendido e deste, após o caminhar de aproximadamente uma década, para Regência e Ligação (o quarto, porém, pelo que se percebe, não o último estágio do modelo).

O artigo apresenta a "hipótese lexicalista", ou seja, um conjunto de regras bastante enriquecido no léxico para relacionar construções anteriormente relacionadas via transformação. Tomem como exemplo as construções (5) e (6):

(5) *John proved the theorem.*

(6) *John's proof of the theorem.*

Além de garantir a relação entre o verbo em (5) e o substantivo derivado em (6), garante-se também o paralelismo entre as construções, ou seja, o sujeito de (5) corresponde ao determinante em (6), e o objeto em (5) corresponde ao sintagma preposicionado complemento em (6). Essa similaridade interna entre os sintagmas leva Chomsky a uma nova formulação das regras de estrutura frásica, sendo o seu núcleo:

$S \rightarrow N' V'$

$X \rightarrow \langle \text{especificador de } X \rangle X'$

$X' \rightarrow X \dots$

em que $X = N, V$ ou Adjetivo

Tal convenção ficou conhecida como X-barra e foi posteriormente desenvolvida, como veremos, em Regência e Ligação. No entanto, já como Chomsky a estava colocando, resolvia um problema pendente desde SS: conseguia capturar melhor a noção de "núcleo" de um sintagma e suas relações com os modificadores.

Resumindo, esse artigo aponta para dois caminhos bastante importantes: a harmonia transcategorial e a restrição ao componente transformacional.

Mas as modificações não pararam por aí. Em 1973, Chomsky lança um novo artigo intitulado "Conditions on Transformations" dando início à "teoria dos vestígios" – a possibilidade de recuperação estrutural de elementos não realizados fonologicamente; ou, como disse Ronat em *Diálogos* (1977), elementos de "memória" da estrutura. Seria o nascimento dos princípios tais como formulados em 1985?

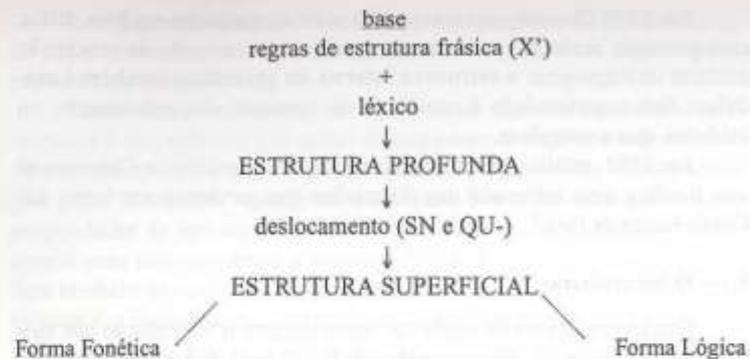
Em 1976 é publicado o artigo "Conditions on Rules of Grammar" e em 1977 "On wh-movement" que alteram drasticamente a organização da gramática. Fica o componente transformacional restrito a apenas duas regras, a saber, deslocamento de SN e deslocamento de QU. Isso passa a ser possível em função da reformulação da estrutura frásica, como vimos acima, e da incorporação da "teoria dos vestígios". Na realidade, o que temos aí é um embrião do que mais tarde (em *Lectures*) passou a ser uma única regra de movimento: mova-alpha, em que *alpha* é qualquer elemento. Na época as regras de movimento ainda eram programáticas, pois dependiam de princípios muito gerais que norteassem onde e quando poderiam se aplicar.

O componente interpretativo também passa por uma grande reformulação. Chomsky o renomeia de Forma Lógica, o nível dos aspectos semânticos estritamente determinados por princípios linguísticos. Além disso, começa a jogar para dentro da gramática elementos de ordem mais interpretativa como a relação entre pronomes, anáforas e seus referentes. Empresta também dos trabalhos de Jackendoff o que virá posteriormente a ser designado como "teoria-theta" (a atribuição de papéis temáticos como agente, paciente, etc. aos elementos subcategorizados por um verbo).

A questão das anáforas e pronomes, Chomsky discute mais permeiorizadamente em "On Binding", publicado em 1980.

Em relação a toda a modificação do Modelo Padrão há alguns pontos que vale reforçar: a estrutura profunda torna-se mais próxima da superficial tanto em função da hipótese lexicalista, quanto do enxugamento das transformações; mais especificamente, a estrutura é gerada como algo bastante próximo da Superficial, passível apenas das transformações mencionadas; as regras interpretativas deixam de se aplicar somente no nível da estrutura profunda, podendo também ser aplicadas à estrutura superficial; o léxico é enriquecido no sentido de dar conta de itens lexicais relacionados anteriormente por transformação, ao mesmo tempo em que as regras de estrutura frásica tornam-se mais simples e gerais.

Esquemáticamente, então, teríamos:



Como se depreende do esquema, a teoria passa a se organizar da seguinte forma:

SINTAXE
Fonologia | Semântica

Em meio a essa turbulência toda, Chomsky ainda lança em 1975 o livro *Reflections on Language*, mais voltado a aspectos cognitivos no estudo da linguagem. Como o próprio autor destaca:

These reflections on the study of language will be non-technical for the most part, and will have a somewhat speculative and personal character. (Chomsky, 1975 p. 3)

Em meio a tantos artigos altamente teóricos e formais, a leitura de *Reflections* é convidativa e serve, para uma vez mais, reafirmar o paradigma chomskyano. Um dos pontos a ressaltar é a concepção modular de linguagem, em que Chomsky reafirma a autonomia da sintaxe como um componente que interage com vários outros componentes cognitivos para a produção de linguagem. Seriam alguns desses outros componentes a capacidade acústica, princípios gerais de aprendizagem e formação de conceitos, o processamento (*parsing*), etc.

Encerra-se, pois, uma década altamente produtiva que faz vislumbrar "uma nova direção".

5 – A MONTAGEM DO QUEBRA-CABEÇA DA DÉCADA DE 70; OU, JUNTANDO OS CAQUINHOS

Entramos agora na quarta fase do modelo. Sua estrutura, como verão, é resultante da amarração de todos os trabalhos da década anterior.

Em 1979 Chomsky apresenta uma série de palestras em Pisa, Itália, cujo princípio norteador pode ser visto como uma extensão da concepção modular da linguagem: a **estrutura interna da gramática também é modular**. Sua complexidade é resultante da interação dos subsistemas, ou módulos, que a compõem.

Em 1981, publica Chomsky sob o título de *Lectures on Government and Binding* uma retomada das discussões que se deram em torno das Conferências de Pisa.⁸

5.1 – O formalismo

Qualquer tentativa de explicitar sumariamente o formalismo que sustenta essa nova fase da teoria resultará falho. O modelo é de tal forma imbricado e complexo que se torna difícil estabelecer um fio que não embarrace a meada. Faremos o possível!

Esquemáticamente o modelo seria:⁹



Antes de qualquer discussão, vale ressaltar que, embora o esquema transmita uma noção derivacional, um nível após o outro derivacionalmente, o modelo é representacional.

Vemos acima que o léxico desempenha um papel bastante importante, pois serve de "entrada" ao sistema – as relações estabelecidas no léxico permanecem as mesmas em todos os níveis de representação (estrutura-P, estrutura-S, etc). Há duas "condições" que asseguram esse procedimento:

i. *Princípio da Projeção*: "As propriedades de marcação temática de cada item lexical têm de estar representadas em cada nível sintático: FL, estrutura-S e estrutura-D".

ii. *Crítério-theta*: "Um argumento só pode desempenhar um, e um só, papel temático, e cada papel temático só pode ser atribuído a um, e um só, argumento".

⁸ Para aqueles que gostam de destacar o caráter imperialista e autoritário do autor, esse livro serve de contra-exemplo, uma vez que são incorporados em seu bojo os resultados de tais discussões (percebam, não se trata de monólogos!).

⁹ Esse esquema será posteriormente modificado para que o leitor possa ter uma melhor visão do funcionamento do modelo quanto à interação dos submódulos que o compõem.

Por "marcação temática" entenda-se o saturamento de um determinado papel temático a um argumento, sendo estes primitivos como agente, paciente, instrumento, etc.

Como vimos em *i* acima, há três níveis de representação sintática. A estrutura-S (superficial) é a "saída" do componente transformacional, obtida pela aplicação de mova-alpha à estrutura-P (profunda); lembrando-se que, pelas "condições" anteriores, a estrutura-S tem garantidas as mesmas propriedades da estrutura-P. Contudo, para além disso, não se limita a ser apenas uma *interface* entre a estrutura-P e as Formas Lógica e Fonética. Tem também as suas próprias propriedades: Caso e Categorias Vazias. Finalmente, a Forma Lógica determina as possibilidades estruturais do significado de uma oração; em outras palavras, é o aspecto formal do sentido, ou ainda, a sintaxe do sentido.

Assim, em uma sentença como (7):

(7) O João, eu matei.

temos, a partir do verbo *matar* dois argumentos, um externo – o sujeito, e outro interno – o objeto direto, ambos com seus papéis temáticos distintos: *matar* (x, y), em que x = agente e y = paciente.

O falante fixa, assim, essa interpretação e a projeta para a estrutura-P:

(8) Eu_x matei o João_y.

Após a aplicação da regra de movimento, chega à seguinte estrutura-S:

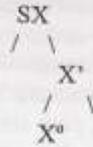
(9) O João_i, eu matei t_i.

em que t_i é o vestígio deixado pelo movimento do SN – o João. Nesse nível também a estrutura é submetida a um filtro de CASO (Caso abstrato: NOMINATIVO, ACUSATIVO, etc) – uma propriedade necessária para a condição de visibilidade das relações temáticas; grosso modo, um argumento só estará "visível" para ser marcado tematicamente se tiver CASO.

E estrutura-S é, nesse sentido, o somatório de todas as abstrações representacionais.

O interessante é perceber que o que se apreendia em versões anteriores da Gerativa através da multiplicação das estruturas profundas que passavam por uma série infinta de transformações, é atualmente captado pela estrutura-S através do Princípio de Projeção (como uma condição de licenciamento de uma estrutura) e da interação de uma soma de outros vários princípios rígidos a que ela tem que se sujeitar. Talvez esse ponto fique mais claro ao final da seção.

Quanto às regras de estrutura frásica, deixam de existir como tal, dando lugar à Teoria-X' – um esquema geral capaz de capturar a estrutura interna de qualquer sintagma. Seria:



em que X é qualquer categoria, sendo SX a projeção máxima de uma categoria e X° o seu núcleo. As posições vazias à direita e à esquerda são possíveis posições para especificadores ou complementos de um núcleo. Essas posições serão marcadas de língua para língua, mas uma vez marcadas, refletirão a organização interna de todos os sintagmas. Assim, se o complemento vier depois do nome em uma dada língua, ele também virá em todas as demais categorias. Fica a gramática reduzida a duas relações básicas: a de núcleo-complemento e a de especificador-núcleo.

As categorias do léxico são derivadas dos traços + ou - N, V como se vê no quadro abaixo:

cat. lexicais	+ N	- N
+ V	adjetivo	verbo
- V	nome	preposição

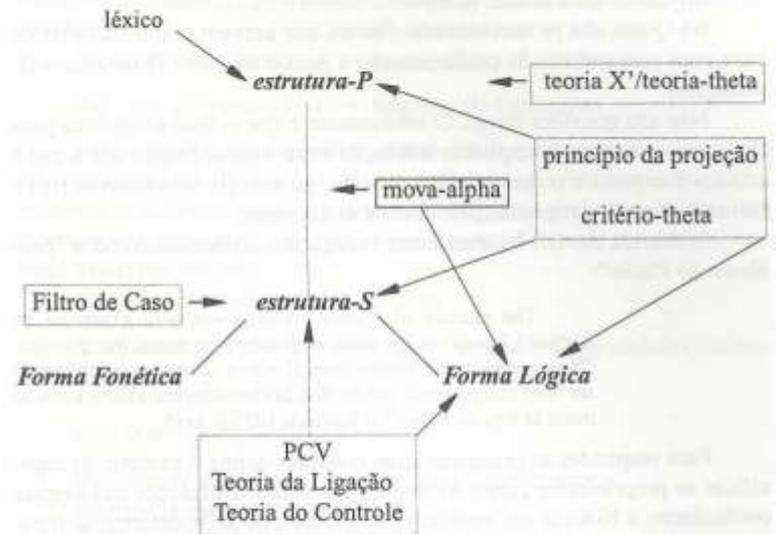
A gramaticalidade de uma sentença é garantida, nesse modelo, através da interação dos diversos 'módulos' (ou sub-teorias) que o compõem, módulos esses que contêm princípios muito rígidos a serem obedecidos. São as sub-teorias:

- teoria da fronteira (*bounding*) – impõe limites para o domínio das regras de movimento
- teoria da regência (*government*) – define as relações entre um núcleo e suas categorias dependentes
- teoria-theta – trata da atribuição de papéis temáticos (agente, paciente, instrumento, etc.) aos argumentos de um verbo
- teoria da ligação (*binding*) – trata da ligação de elementos pronominais e anafóricos a seus antecedentes
- teoria do Caso – trata da atribuição de casos abstratos ou morfológicos aos argumentos de um verbo (ex: Nominativo, Acusativo, etc). Há condições para a atribuição de Caso a um SN, por exemplo: O Caso Nominativo é atribuído a um SN se ele for regido por [+ tempo]; o Caso Acusativo, se o SN for regido por V, etc.
- teoria do controle – determina a potencial referência de PRO (uma categoria vazia realizada estruturalmente como sujeito de verbos sem tempo)

Não entraremos no mérito das Categorias Vazias, embora desempenhem um papel importante no modelo. Há toda uma classificação dessas categorias que, grosseiramente, são "entidades" estruturalmente determinadas, porém, fonologicamente desprovidas de conteúdo. Estão sujeitas a um princípio bastante central (o Princípio das Categorias Vazias – PCV), princípio esse definido no interior da Teoria da Regência.

Apenas a título de informação, já que não os discutiremos, alguns dos problemas remanescentes em *Regência e Ligação* são reformulados em 1986 em *Barriers*. Uma inovação importante, que tem dado margem a muita discussão na literatura gerativista recente, é a divisão das categorias que alimentam o sistema entre lexicais (como vimos acima) e funcionais. As lexicais perfazem o sistema derivacional de uma língua e as funcionais, o sistema flexional. Mencionei apenas duas: IP (projeção máxima de uma oração, cujo núcleo passou a ser concordância e tempo) e CP (espaço dos complementizadores); leiam-se como os antigos S e S', respectivamente.

Reproduziremos aqui o esquema inicial, desta vez acrescido dos princípios e sub-teorias que determinam a boa formação de uma estrutura. Esse esquema trará também a indicação do nível de representação em que se aplicam.



[Sells (1985:24)]

5.2 – As idéias subjacentes ao formalismo: Princípios e Parâmetros

Em algum ponto do artigo mencionei o fato de a própria evolução do formalismo poder reverter questões delineadas no âmbito epistemológico.

Reverter talvez não seja a palavra; reformulá-las, vislumbrando uma possibilidade mais palpável de explicação, deve ser uma paráfrase melhor para o que quero dizer.

A questão da aquisição da linguagem sempre esteve colocada em Chomsky através da tese inatista, mas é só em 1985 com *Knowledge of Language* que ele pode retomá-la no sentido de deslocar um pouco o foco da teoria da gramática.

Nas três primeiras fases do modelo discutidas neste artigo, o objeto da Gerativa eram as regras e representações. Nesta fase, o objeto é a **estrutura da faculdade da linguagem**. Dito de outra forma, que princípios estão em jogo para que a mente humana seja capaz de gerar toda a diversidade lingüística? Notem porém – **lingüística**, pois que a diversidade estrutural deixa de ser capturada através de regras específicas particulares a cada estrutura em uma dada língua e passa a ser a consequência da interação de um conjunto de possibilidades pré-determinadas no cérebro do falante.

As questões que Chomsky se coloca, então, acerca do conhecimento lingüístico representado na mente/cérebro do falante, são:

- i) O que constitui o conhecimento de uma língua? (natureza)
- ii) Como esse conhecimento é adquirido? (origem)
- iii) Como ele é usado? (uso)
- iv) Quais são os mecanismos físicos que servem como material de base para esse sistema de conhecimento e para o seu uso? (base neuro-fisiológica)¹⁰

Não são questões novas. O interessante é que o foco se desloca para (ii), com o objetivo de explicitar a relação entre o *input* lingüístico a que a criança é exposta e o conhecimento obtido, ou seja (i). Obviamente (iii) e (iv) estão fora do programa, pelo menos diretamente.

Embutida em (ii) há uma outra indagação, conhecida como o "problema de Platão":

The essence of Plato's problem was well expressed by Bertrand Russell in his later work when he raised the question: "How comes it that human beings, whose contacts with the world are brief and personal and limited, are nevertheless able to know as much as they do know?" (Chomsky, 1985 p. xxv)

Para responder as primeiras duas questões acima é preciso: a) especificar as propriedades gerais da linguagem e suas realizações nas línguas particulares; e b) tocar no "problema de Platão", ou seja, determinar o papel da experiência na aquisição da linguagem.

Nesse âmbito a noção de Gramática Universal (GU, doravante) vem à tona com toda a força: ela é constituída de **Princípios** (um núcleo fixo,

¹⁰ Essas questões encontram-se formuladas em *Knowledge of Language* e em Chomsky, 1988:3.

invariável entre as línguas) e **Parâmetros** (um conjunto de possibilidades pré-determinadas, contudo, variante de língua para língua). Deve refletir de maneira universal a estrutura ou organização da mente humana e não mais as regularidades entre as línguas. Tais princípios são geneticamente determinados, assim como também o devem ser os mecanismos gerais de aprendizagem.

A aquisição da linguagem passa a ser vista como a "formatação" da faculdade da linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros abertos em GU.

A GU é nesse sentido um "quadro" do estágio inicial da aquisição da linguagem (conhecido como S_0) e seu produto seria o estágio final da gramática adulta (S_x).

Teríamos então:

primary linguistic data → LAD → *grammar*

em que *primary linguistic data* é o *input*, LAD (language acquisition device) – a faculdade da linguagem.

A função do LAD é a de selecionar os dados do *input* para o acionamento dos parâmetros. Essa seleção não é aleatória, mas determinada por sua própria estrutura interna, ou seja, pela GU. Uma vez completado o processo, a criança atinge o estado maduro de conhecimento – a gramática do adulto.

Vendo de outra forma:

dado → genótipo (GU) → fenótipo (G Particular)

Vale ressaltar alguns pontos: *input* diz respeito a qualquer entrada lingüística, ficando bem longe de uma definição que envolva interação; os parâmetros possuem valores positivo ou negativo; assim, ao acionar um determinado parâmetro, a criança estará imprimindo a ele um dos dois valores. Darei um exemplo.

Tome-se o **princípio** da Subjacência:

Nenhuma regra pode envolver X e Y, onde z e w são nódulos limites:

...X...[z...[w...Y...w]...z]...X...

onde z,w = {SN, IP, CP}

Derivam-se desse princípio os seguintes parâmetros: em uma língua:

- | | |
|----------------------|-----------------|
| a) SN é nóduo limite | sim (+) não (-) |
| b) IP é nóduo limite | sim (+) não (-) |
| c) CP é nóduo limite | sim (+) não (-) |

Através da exposição a uma dada língua particular, a criança seleciona do *input* os dados que serão capazes de fixar um valor positivo ou ne-

gativo para os nódulos limites que barram o movimento de determinados elementos em uma oração.

Gostaria, para finalizar, de destacar alguns pontos. A visão modular da linguagem colocada acima é mais do que nunca explicitada. A mente humana é vista como um complexo sistema com vários componentes interativos, sendo a faculdade da linguagem um deles. Há também um jogo de palavras interessante. Por exemplo, o programa é totalmente biológico, ou seja, Chomsky já não tem a preocupação de falar em representação de um sistema na mente humana. Ele passa a utilizar-se da palavra **cérebro**. Os conceitos de competência e desempenho deixam de existir; aliás, pode-se entender competência, a partir de agora, como *knowledge* (conhecimento). Passamos a encontrar no lugar de tais conceitos os de língua interna (L_i) e de língua externa (L_e), embora haja uma sutil modificação na definição, pois L_e está mais próxima de L_i e, dessa forma, mais distanciada do desempenho. Em relação àquelas quatro questões colocadas no início da seção, L_e tem a ver com (iii) e (iv), enquanto L_i representa (i) e (ii). Contudo não é certo que uma dicotomia recubra a outra.

6 – O PROGRAMA MINIMALISTA – UMA NOVA FASE?

(Ou dos perigos em se demorar a escrever
uma retrospectiva sobre Chomsky. Ele sempre pode soltar
um artigo novo no meio do caminho!)

Há pouco tempo vários visitantes estrangeiros nos trouxeram diretamente da mesa do Mestre a sua mais recente criação: o programa minimalista. *New Age?* Digo, uma nova fase? Cedo demais para tomarmos posição; mesmo porque o quadro se insere em Princípios e Parâmetros.

Trata-se ainda de um artigo aparentemente bastante esquemático, a partir do qual Chomsky deve passar a trabalhar. Dadas tais características do texto e a aparente ruptura que representa no modelo, não foi ainda possível avaliar-se a totalidade de suas implicações para a teoria e mesmo os seus desdobramentos. Sendo assim, a discussão aqui se restringirá a uma exposição linear de alguns conceitos que são colocados de forma distinta das anteriores. Os conceitos novos serão apenas destacados e o formalismo, que sustenta essa nova versão do modelo, nem será mencionado.

Começemos pela Faculdade da Linguagem. Chomsky a define como uma gama de capacidades que fazem parte do uso e entendimento de uma língua, capacidades essas providas pelo cérebro humano. São específicas para essa função (uso e entendimento da língua) e comuns à espécie humana. Um de seus componentes é um "procedimento" gerativo – a L_i – capaz de gerar descrições estruturais (DE, doravante). Essas DEs incluem

um complexo de propriedades, inclusive propriedades semânticas e fonéticas.

A GU ainda é definida como a teoria do S_0 (estágio inicial da aquisição da linguagem); contudo, do S_0 do "componente relevante da faculdade da linguagem", ou seja, do componente gerativo – ou "procedimento" gerativo como Chomsky passou a denominá-lo. É no âmbito da GU que se especificam certos níveis lingüísticos, cada um, um sistema simbólico representacional, servindo como meio de apresentar informações sistemáticas sobre as DEs.

Como mencionamos acima, esse trabalho insere-se no quadro de Princípios e Parâmetros, e isso é explicitado quando que o autor coloca que a hipótese que subjaz a ele é a de que as línguas se baseiam em princípios simples que interagem para formar estruturas complexas.

Talvez o ponto de maior ruptura se encontre no fato de Chomsky definir língua como algo distinto de um sistema conceitual e de um sistema de competência pragmática, porém, altamente interativa com esses. Ele situa mesmo a língua como "encaixada" nos sistemas de *performance*. A interação se dá através das DEs que transmitem um conjunto de instruções para os sistemas de *performance*, dando as informações relevantes para suas funções.

Os sistemas de *performance* são divididos em dois: o **articulatório-perceptivo** e o **conceitual-intencional**. Dos níveis lingüísticos definidos pela GU, dois *interfaceiam* esses sistemas, a Forma Fonética para o primeiro e a Forma Lógica para o segundo, transmitindo instruções para cada um deles. A língua, apenas o título de lembrança – "encaixada" nesses sistemas de *performance* – consiste em dois componentes: o léxico (especifica os itens que alimentam o sistema computacional) e o sistema computacional (usa o léxico para gerar as DEs, grosso modo).

Dentro deste quadro, a GU deve determinar a classe de possíveis línguas, além de especificar as propriedades das DEs e de suas representações simbólicas, em particular, dos níveis de *interface* – os elementos que os constituem e as "computações" pelas quais são construídos. Chomsky assinala que para um "programa minimalista de teoria lingüística" os únicos níveis de real importância são os de *interface* com os sistemas de *performance*. Assim, cada língua é um conjunto de pares {a,b}, onde a = Forma Fonética e b = Forma Lógica: a representação formal de som e significado de uma estrutura.

A questão da aquisição da linguagem continua como foco do modelo, tomando-se o estágio inicial (S_0) como uma **função** mapeadora dos dados (*primary linguistic data*) a uma língua, lembrando-se que S_0 é constituído de princípios invariantes com opções restritas aos elementos funcionais e propriedades gerais do léxico com um possível conjunto de variações. Não há novidades nesse aspecto. A aquisição continua a ser entendi-

da como um processo de fixação das escolhas entre as opções em S_0 , determinando uma língua (S_x).

Quanto ao funcionamento do modelo, um dos pontos que mais nos chamaram a atenção foi o das condições sobre a representação – as sub-teorias definidas em *Lectures* (ligação, Caso, papéis-temáticos, etc.). Citando o autor:

"Conditions on representations (...) hold only at the interface, and are motivated by properties of the interface, perhaps properly understood as principles of interpretation by performance systems. The linguistic expressions are the optimal realizations of the interface conditions." (Chomsky, 1992:3)

O importante é perceber que, no programa minimalista, níveis de representação como estrutura profunda e superficial perdem a razão de existir. Aliás, Chomsky gasta a maior parte do artigo fornecendo argumentos nesse sentido – argumentos que ficarão de fora deste trabalho dado o seu teor técnico. Mas o mais interessante é que as *interfaces* mantêm quase que uma relação de dependência com os sistemas de *performance*; melhor dizendo, uma relação circular de realimentação. As condições sobre representação se aplicam nas *interfaces* que transmitem instruções aos sistemas de *performance*, os quais, por outro lado, fornecem o material conceitual necessário para a formulação dos princípios.

"A still further step in a minimalist program would be to show that the basic principles of language are formulated in terms of notions drawn from the domain of conceptual necessity." (Chomsky, 1992:4)

Voltando, pois, ao funcionamento, os princípios determinam quais são as DEs legítimas, cada qual um par (x,y). Em uma dada língua, uma derivação w (escolha dos itens lexicais e respectiva construção das representações) *converge* (*converges*) se produzir uma DE legítima, caso contrário *colide* (*crashes*). Assim, w *convergir* em FF se x for legítima e *colidir* se não for; w *convergir* em FL se y for legítima e *colidir* se não for. Aparentemente esse é um processo de checagem ou barragem das estruturas determinado pela inspeção independente dos níveis de *interface*.

Segundo Chomsky, em um programa como este, as propriedades e relações cruciais de uma língua encontram-se determinadas pelos conceitos da teoria X' . É ela que determina as relações básicas na gramática, relações bastante "locais" que permanecem as mesmas como definidas em *Lectures*: especificador-núcleo e núcleo-complemento. Segundo o autor, ainda, esta última é "mais local" e "mais fundamental" já que está associada a relações temáticas. Uma terceira possível relação, colocada por Chomsky, seria a de núcleo-núcleo. Essas relações parecem estabelecer determinados domínios onde o sistema computacional atuaria. Seriam estes: o **domínio interno** (dos argumentos internos – núcleo-complemento),

o **domínio mínimo** (núcleo-núcleo) e o **domínio de checagem** (especificador-núcleo, domínio de "inspeção" do sistema flexional).

Aparentemente esses domínios configurariam marcadores frasais independentes. O domínio interno seria filtrado no próprio léxico pelo sistema computacional a partir de uma operação que disporia os itens no esquema X' e os demais seriam engendrados nele através de **transformações generalizadas** – como definidas em LSLT.

"... a single generalized transformation GT takes a phrase-marker K' and inserts it in a designated empty position O in a phrase-marker K , forming the new phrase marker K' , which satisfies X-bar theory. Computation proceeds in parallel, selecting from the lexicon freely at any point. At each point in the derivation, then, we have a structure Σ which we may think of as a set of phrase-markers." (Chomsky, 1992:16)¹¹

Em qualquer ponto do processo, pode-se aplicar a operação *SPELL-OUT* que checará se a estrutura *converge* ou *colide* em FF; no entanto, uma vez aplicada, o sistema computacional não terá mais acesso ao léxico. Finalmente, as "saídas" da FF e FL devem satisfazer as condições externas da *interface*, ou seja, as condições dos sistemas de *performance*.

Torna-se difícil tecer qualquer comentário quanto às direções que a teoria tomará a partir daqui, como, aliás, apontamos no início da seção. Se por um lado encontramos no programa alguns indícios de "volta" através de artefatos formais como DE e transformações generalizadas – utilizados no início da Gerativa, além de uma preocupação avaliativa – também antiga – em termos de critérios de economia, por outro vemos essas questões retomadas em um quadro bem mais poderoso – o de *Princípios e Parâmetros*.

Fala-se em uma crise formal como na década de 70 e de uma possível reformulação como aconteceu então. Difícil acreditar, dadas as atuais circunstâncias da teoria. Talvez o que mais salte aos olhos seja a aproximação do módulo sintático aos sistemas de *performance*, quando Chomsky o coloca encaixado naqueles e estabelece uma relação altamente interativa entre eles. Seria uma intenção de se voltar também para as questões (iii) e (iv), colocadas em 5.2?

Certamente a motivação desse novo trabalho não se deve a razões empíricas e sim conceituais, àquilo que Chomsky está chamando de "necessidade conceitual virtual" – um sinônimo para 'parcimônia ontológica'

¹¹ Transformação generalizada é uma operação de substituição. Quando ela "localiza" K , adiciona a posição vazia O nesse marcador frasal e, então, substitui K' por O para formar K' . Essa posição vazia O não é designada pelo léxico e sim pela transformação, também não é visível no processo de derivação uma vez que a transformação se dá internamente, como aponta Chomsky.

baseado em *Occan's razor*: jamais multiplicar entidades além da necessidade.

7 – DAI A CHOMSKY O QUE É DE CHOMSKY

Minhas palavras conclusivas serão breves. Na realidade não há o que concluir de uma retrospectiva. Devo desculpar-me pelos muitos detalhes omitidos em nome da limitação de espaço, além dos tantos que possam ter me escapado. Fica, no entanto, uma esperança: a de que tenha conseguido levar o leitor a um passeio que, pelo menos, demonstre a coerência epistemológica do modelo, bem como sua coerência interna – reflexo da primeira.

Lendo um artigo publicado em 1973, intitulado "De Bopp a Chomsky", fiquei bastante impressionada com o parágrafo final:

Linguística Histórica. Linguística Cultural. Linguística Cartesiana. De Bopp chegamos a Chomsky. Mas o processo continua. Nada é inultrapassável, como diria Mr. de la Palisse. Quem viver verá. (Elia, 1973 p. 17)

Inquestionavelmente nada é inultrapassável, mas de 1973 para cá já vimos algum tempo...

REFERÊNCIAS

- BORGES NETO, J. (1991) *A Gramática Gerativa Transformacional – um ensaio de filosofia da linguística*. Tese de doutorado: UNICAMP.
- BOTHA, (1989) *Challenging Chomsky: The Generative Garden Game*. NY: Basil Blackwell.
- CHOMSKY, N. (1955) *The Logical Structure of Linguistic Theory*. New York: Plenum (1975).
- . (1957) *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton.
- . (1964a) *Current Issues in Linguistic Theory*. Hague: Mouton.
- . (1964b) "The Logical Basis of Linguistic Theory". In: *Proceedings of the 9th International Congress of Linguistics*.
- . (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- . (1966) *Cartesian Linguistics*. New York: Harper and Row.
- . (1970) "Remarks on Nominalization". In: R. Jacobs and P. Rosenbaum (eds) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn.
- . (1972) *Studies on Semantics in Generative Grammar*. The Hague: Mouton.
- . (1975) *Reflections on Language*. New York: Pantheon.
- . (1977a) *Essays on Form and Interpretation*. Amsterdã: North-Holland.
- . (1977b) "On wh-movement". In: P. Culicover et alii (eds) *Formal Syntax*. New York: Academic Press.
- . (1977c) *Diálogos com M. Ronat*. São Paulo: Cultrik.
- . (1980) "On Bindig". In: *Linguistic Inquiry*, 11:1-46.
- . (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

- . (1985) *Knowledge of Language*. New York: Praeger.
- . (1986) *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press.
- . (1988) *Language and Problems of Knowledge: The Managua Lectures*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- . (1992) *A Minimalist Program for Linguistic Theory*. MIT, ms.
- ELIA, S. (1973) "De Bopp a Chomsky" *Tempos Brasileiros* 32: 5-17.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- KATZ, J. and FODOR, J. (1963) "The Structure of a Semantic Theory". *Language* 39: 170-210.
- KATZ, J. and POSTAL, P. (1964) *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge, MA: MIT Press.